

# “A ilha de Circe” de Natália Correia: entre ilhas e metamorfoses

Ana Cabete\* 

Isa Severino\*\* 

## Introdução

Este estudo sobre a novela “A ilha de Circe” de Natália Correia procura analisar a complexa e enredada teia de temas e símbolos que perpassam o texto. Um dos temas que sobressai não apenas no título, mas na trama e nos lexemas utilizados é a insularidade, que emerge como um elemento unificador, aproximando Correia a outros escritores de origem insular, nomeadamente Vitorino Nemésio. Sugere-se uma análise do título da coletânea em termos semânticos e simbólicos, estabelecendo um diálogo entre os dois autores no que respeita à significação da ilha; a ilha entendida como ponto de origem e de (re)encontro que, no caso de Correia, reporta para a relação com a mãe, e ainda como vivência marcada pelo isolamento e pela solidão.

Seguidamente, reflete-se sobre a importância que a ilha detém na coletânea nataliana. No primeiro conto, a ilha açoriana é palco das lembranças de infância da protagonista, o que permite estabelecer um diálogo intertextual com o poema “Mãe Ilha” de Correia. Na novela homónima, a ilha da Madeira é o cenário de uma história de amor unilateral. É apresentada como a própria ilha de Circe e parece partilhar características comuns com a sedutora Matilde, a protagonista da novela que, tal como Circe, tem o poder de desencadear licantrópia em Adriano.

Neste sentido, é importante realizar uma análise semântica deste lexema, considerando tanto a mitologia quanto a psiquiatria. Também o poema “O poder de Circe” de Louise Glück respalda uma interpretação dessa metamorfose como reveladora dos instintos primários e da essência humana.

Em virtude de o fenómeno licantrópico surgir ainda no segundo conto da coletânea, “As Nações Unidas”, estabeleceu-se um paralelismo quanto à sua representação nos dois textos. Enquanto em “A ilha de Circe” se percebe a ternura que enleia o tema; no conto ressalta uma crítica política e social que desvela a visão de Natália Correia sobre nacionalismo e conflitos humanos motivados por instintos cruéis e territoriais.

Se o poder de Matilde é surpreendente assim como a sua capacidade de catalisar e inebriar Adriano ao ponto de desencadear a sua transmutação, é igualmente interessante explorar a visão que subjaz ao texto e que deixa antever a perceção da autora sobre os papéis e direitos da mulher na sociedade.

---

\* Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), Coimbra, Portugal. Professora de Português no Agrupamento de Escolas de Estremoz, Estremoz, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5411-5806>. E-mail: [ana.cabete@gmail.com](mailto:ana.cabete@gmail.com)

\*\* Doutorada em Literatura pela Universidade de Aveiro (UA), Aveiro, Portugal. Professora Adjunta na Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG-IP), Guarda, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5452-8853>. E-mail: [isaseverino@ipg.pt](mailto:isaseverino@ipg.pt)

Correia recorre às personagens para problematizar a imbricada teia de relações e questionar a ordem instituída. Em “A ilha de Circe” destaca-se o relacionamento entre os personagens Negrão e Benvinda como uma representação das dinâmicas patriarcais da sociedade portuguesa. Já a personagem Matilde é apresentada como o reverso da submissa Benvinda, irrompendo como a sedutora, independente que desafia as convenções sociais e encarna a ideia de feminilidade e empoderamento.

A exploração dos temas presentes em “A ilha de Circe” é enriquecida pela análise intertextual com outras obras de Natália Correia e ainda com outras expressões artísticas de outros autores. Esta abordagem intertextual permitiu identificar desenvolvimentos temáticos coincidentes e completar reflexões subjacentes sobre o feminismo, poder, identidade e sociedade, e entender melhor o impacto e a relevância dentro do panorama cultural e político daquele e do nosso tempo.

## A ilha de Circe

O título da coletânea – *A ilha de Circe* – remete para um espaço mitológico e sugere uma sequência de acontecimentos que ultrapassam a realidade mundana; o leitor é sugestivamente conduzido para um local com cintilações alquímicas onde o fantástico pode suceder. Tal facto surge anunciado no título, comprovado nos lexemas que o compõem, os quais remetem para uma interpretação polissémica. A ilha, entendida como *origines, principtum*, ou retorno ao centro espiritual do indivíduo, o que vai ao encontro da interpretação proposta por Chevalier e Gheerbrant para quem a ilha constitui um

mundo em pequeno formato, uma imagem do cosmo completa e perfeita, porque ela apresenta um valor sagrado concentrado. A noção aproxima-se assim da do templo e do santuário. A ilha é, simbolicamente, um lugar de eleição, de ciência e de paz no meio da ignorância e da agitação do mundo profano. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2010, p. 374)

A citação insere-se numa leitura simbólica segundo a qual a ilha é preconizada como arquétipo espiritual, ancorada na tradição mitopoética. Representada enquanto microcosmo, a ilha configura-se como espaço circunscrito que detém um “valor sagrado concentrado”, o que significa que é plena em sentido e encerra uma ordem que espelha o universo na sua harmonia primordial. Esta conceção reporta à simbologia clássica, de acordo com a qual o *locus insular* é concebido como centro do mundo, lugar privilegiado de revelação, pureza e sacralidade. Por essa razão, adquire o estatuto de “templo e santuário”, o refúgio “da agitação do mundo profano” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2010, p. 374).

No plano simbólico e mitopoético, a ilha adquire frequentemente o estatuto de lugar consagrado à revelação, à contemplação e à transcendência. Em “A Ilha de Circe”, o espaço insular assume um poder transfigurador, enquanto cenário de reinvenção existencial, de revelação de vontades e afirmação de uma nova ordem com possibilidades alternativas.

Paralelamente, o espaço insular remete ainda para a origem da autora, a Ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, e para a complexa relação que mantém com este universo geográfico e afetivo, como a própria reconhece ao evocar os seus primeiros anos em Lisboa: “Percebi depois que eu é que me autossegregava. E isso era a forma de dizer-me que não era daqui. De me desferrar da violência de

me terem arrancado do aconchego insular da infância.” (MARTINS, 2003, p. 37). Também na poesia se encontram manifestações desse conflito identitário, onde a figura da mulher-ilhéu surge como “palominha Insular”, “menina insular”, “mestiça de onda e de enxofres vulcânicos”. Estes epítetos encontram-se respetivamente em poemas como “Romance de Paloma”, “Retrato talvez saudoso da menina insular” ou “Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos”. A associação entre a ilha e a infância mitificada atinge a sua expressão mais elaborada no conjunto de cinco sonetos que constituem o poema “Mãe Ilha”, integrado na obra *Sonetos românticos*, (CORREIA, 2010, p. 18-21). Assiste-se a um movimento dialético: por um lado, a culpa por ter abandonado a ilha e procurado outros destinos, as “Índias”, metáfora de Lisboa; por outro lado, a reconciliação proporcionada pelo reencontro com a “ilha mãe” e que se consuma com o apaziguamento interior.

A ambivalência expressa por Correia é marcada quer por sentimentos de nostalgia e saudosa presença insular quer por sensações de culpa, solidão, fragmentação e angústia de ser ilhéu. Esta dualidade é partilhada com outros autores açorianos, e ilhéus, sendo particularmente notória na obra de Vitorino Nemésio, escritor que ilustra um exemplo paradigmático dessa complexa vivência insular.

### A condição de insular(idade)

À semelhança de Natália Correia, também o escritor açoriano Vitorino Nemésio, na definição que apresenta de ilhéu, salienta

o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; e logo o sentimento duma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar. [...] Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quasi religiosa de convívio com que não teve a fortuna de nascer. (NEMÉSIO, 1983, p.33)

As palavras de Vitorino Nemésio contribuem para clarificar a vivência da insularidade, dimensão que é transversal a outros autores açorianos como Antero de Quental, Teófilo Braga, Armando Côrtes-Rodrigues ou Onésimo Teotónio de Almeida. Em todos eles se manifesta um arraigado apego telúrico; a ilha é o cenário que lhes molda a existência e cuja identidade se entrelaça com o mar, como expressa Nemésio: “duma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar. [...] Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma.” (NEMÉSIO, 1983, p. 33). Esta condição insular, além de geográfica é concomitantemente ontológica, pontuada por um sentimento de isolamento e introspeção contemplativa que determina o modo *sui generis* de estar, de sentir e de compreender o mundo.

O espaço insular assume uma ambivalência, é *origo* e exílio: porto seguro e prisão existencial, indo ao encontro da conceção de Carl Gustav Jung (JUNG, 2000), para quem a ilha representa um refúgio ante o mar avassalador, símbolo do inconsciente coletivo e do caos primordial. Por seu turno, Mircea Eliade (ELIADE, 2002) considera a ilha como uma imagem exemplar da criação: um ponto de emergência do *ser*, *fons et origo*, surgindo como condensação de todas as virtualidades. Em contraponto, a imersão nas águas representa a regressão, a perda da individualidade na vastidão indiferenciada.

Existe tanto em Natália Correia como em Vitorino Nemésio um profundo sentimento de apego à ilha; a herança étnica – referida por Nemésio na última citação – que é intrínseca à vivência na ilha. Por isso refere, no poema “O canário de oiro”, “Ah ovo que deixei, bicado e quente,/ Vazio de mim, no mar,/ E que ainda hoje devo boiar, ardente,/ Ilha!/ E que ainda hoje deve lá estar!” (NEMÉSIO, 1989, p. 286). Nemésio faz referência às suas raízes, “o ovo”, símbolo de origem, de potencialidade e de vida nascente que ficou no mar “vazio de [si]”, mas refere que nunca partiu da ilha, onde “ainda hoje dev[e] boiar ardente”. Este poema ilustra a ligação umbilical à ilha que lhe “impregna a alma”, “estrutura o espírito” e, apesar da distância a que se encontra, nunca parte verdadeiramente. Onésimo Teotónio de Almeida assinalou que para Nemésio a cultura é indissociável do local onde se nasce: “Para nós [...] ilhéus inatos, contumazes, açorianidade é o nosso modo de afirmação no mundo, a alma que sentimos no corpo que levamos” (ALMEIDA, 2011, p. 25-26).

Em Natália Correia existe uma ligação metafórica entre a nostalgia da ilha, a procedência da autora e as saudades da mãe, isto é, uma interligação entre o afastamento da ilha, que a escritora experienciou no início da juventude, e o distanciamento (posterior) que Natália viveu em relação à mãe, devido à inevitável emancipação adulta, o qual está expresso no poema “Mãe Ilha”:

Da ilha que me deram e não quis.  
[...]  
Ave exausta, o retorno quem me dera,  
Vou no canto dos órfãos soletrando  
O âmbar da manhã que ali me espera.  
Feridas asas, enfim ali fechando  
Ao pasto e à onda me unirei sincera,  
Ilha no manso azul de mãe esperando.  
(CORREIA, 2010, p. 18)

Este poema evoca um sentimento fragmentado comum aos dois autores; vivem entre a vontade de partir “Da ilha que não quis” e a incompletude gerada pela distância e a ausência da ilha, e a vontade de regressar expressas em “o retorno quem me dera”, no poema de Correia (CORREIA, 2010, p. 18) e em Nemésio “ainda hoje devo boiar ardente,/ Ilha!/ E que ainda hoje deve lá estar!” (NEMÉSIO, 1989, p. 286).

Embora esta análise se centre no texto homónimo da coletânea constituída por três narrativas, a leitura de “A ilha de Circe” requer considerações sobre os demais textos. No primeiro conto desta antologia, “Mãe, mãe, porque me abandonaste?”, é notória a já referida ligação entre a mãe e a ilha, uma vez que a ação se desenrola durante a infância da protagonista, numa ilha açoriana. Apesar de não haver especificação de *topos*, parece sugerir São Miguel, terra natal da autora, uma vez que são várias as coincidências biográficas entre a menina da ilha e Natália Correia. Não obstante, esta é uma ilha onírica, com personagens que povoam o universo infantil e aliam a fantasia à ternura materna, estabelecendo uma relação intertextual com os versos supracitados do poema “Mãe Ilha”:

Minha mãe penteia-me os cabelos. Conta-me histórias dos tritões e nereidas que cercam a ilha. Cães e cadelas marinhas que ladram aos navios que vêm desassossegar os ilhéus. Minha

mãe senta-se ao piano. Das suas mãos delicadas saem fios de música que se entrelaçam na toada com que o mar se afeiçoa aos quebrantos da tarde. (CORREIA, 1983, p.17)

De maneira análoga ao poema anteriormente mencionado, também nesta passagem, a figura maternal, a evocação da infância e as memórias estão intrinsecamente associadas à ilha, que surge não apenas como espaço geográfico, mas também simbólico e metáfora de um tempo encantado pelas míticas histórias povoadas de “tritões e nereidas”, “cães e cadelas marinhas”, numa confluência entre um espaço real e um espaço imaginário.

Na novela “A ilha de Circe”, o espaço físico assume um papel determinante. Com a intensidade de uma personagem, o *locus* envolve os protagonistas numa atmosfera passional e provoca a história de amor unilateral de Adriano por Matilde. Atendendo à simbologia da ilha, o cenário da novela propicia encontros e episódios moldados por um local delimitado e dotado de um carácter encantatório e mítico, o que suscita a dúvida se, em outro cenário, o envolvimento teria sido possível. Contrariamente ao que sucede no primeiro texto, no qual a ilha não é especificada, na novela, a localização espacial é inequívoca, é a Madeira, indelevelmente “aquecida pelo hálito de Circe”.

Diz a lenda odisséica que a ilha de Circe, a ilha de Eeia, se situa em Itália, nas ilhas de Lipari, embora, segundo Frederico Lourenço, na tradução que realizou da obra, esta pertença a uma geografia do foro imaginário (HOMERO, 2018, p. 314). No entanto, Miss Hurst, intelectual talentosa da estória, refuta “a mesquinha tese siciliana” (CORREIA, 1983, p. 71) e defende a cativante teoria que consiste em localizar a ilha de Circe “de belas tranças” na Madeira, apresentando vários argumentos que fundamentam, de forma convincente, o seu ponto de vista.

### **Licantropia: a revelação**

Miss Hurst, conhecida como a “alcoviteira dos amores manobrados de Circe”, deseja confirmar a sua teoria de que a Madeira é a ilha de Circe ao observar um caso de licantropia. Recorde-se que Circe é precisamente conhecida pelas suas competências licantrópicas.

A palavra “licantropia” tem origem grega, derivando dos étimos “lykos” (lobo) e “anthropos” (homem). É vasta a sua presença direta ou indireta na literatura, desde as híbridas figuras mitológicas – como sugerem os centauros, minotauros ou sátiros. Na tradição oral europeia, a licantropia surge nos contos populares de lobisomens que, até há poucas décadas, amedrontavam as noites de lua cheia das crianças de um Portugal essencialmente rural. Atualmente, na área da psiquiatria, licantropia é entendida “como um estado de delírio invulgar em que o doente se julga transformado em animal e o seu comportamento e sentimentos comprovam essa convicção” (AMERICAN PSYCHIATRIC PUBLISHING, 2000, p. 297).

No universo diegético da novela, o papel de Circe é recuperado, assim como as suas habilidades licantrópicas, e estabelece-se uma analogia com Matilde. Recorde-se que Circe, a feiticeira de Homero, recebe Euríloco e vinte e dois tripulantes da nau de Ulisses, no seu palácio brilhante. Finge ser uma exímia anfitriã, oferece aos marinheiros esfomeados “queijo, cevada e pálido mel/ com vinho de Pramno;

mas misturou na comida/ drogas terríveis” (HOMERO, 2018, p. 302). Logo de seguida, com uma varinha, ocorre então a metamorfose, uma vez que os gregos são transformados em porcos e encurralados em pocilgas.

Louise Glück, poeta norte-americana, em “O poder de Circe”, dá voz à deusa feiticeira e evidencia o lado oculto dessa transformação:

Nunca transformei ninguém em porco.  
Algumas pessoas já o são; dou-lhes  
o aspecto de porcos.

Estou farta desse teu mundo  
que deixa o exterior ocultar o interior.

Os teus homens não eram maus homens;  
a vida indisciplinada  
é que os deixou assim. Enquanto porcos,  
cuidados por  
mim e pelas minhas damas, eles  
amansaram-se logo.  
(GLÜCK, 2022, p. 77)

No poema “*O poder de Circe*”, Louise Glück revisita o mito homérico, confere voz à feiticeira para denunciar a hipocrisia e a superficialidade da sociedade. Circe afirma que não transforma os homens em porcos, apenas revela a sua verdadeira natureza: “Nunca transformei ninguém em porco./ Algumas pessoas já o são;/ dou-lhes o aspecto de porcos.” (GLÜCK, 2022, p. 77). A crítica recai sobre a indisciplina masculina e os efeitos do mundo exterior que se sobrepõe ao interior – “Os teus homens não eram maus homens;/ a vida indisciplinada/ é que os deixou assim.” (GLÜCK, 2022, p. 77). Sob a sua proteção e poder regenerador, os homens tornam-se dóceis, invertendo, assim, o paradigma do poder masculino. O poema ressignifica Circe como detentora de um poder reparador, assumindo o papel de observadora crítica e transformadora da sociedade.

O poema de Glück contribui para a interpretação da metamorfose sofrida por Adriano, depois de submetido aos poderes licantrópicos de Matilde que, qual Circe, desencadeia nele um processo de transfiguração. Através da sua pose sedutora, “num jogo expressamente tantalizante”, inverte o *status quo* instituído e transforma o doce e sensível Adriano em um animal condizente com a sua natureza, indo ao encontro das palavras de Glück “Nunca transformei ninguém em porco./ Algumas pessoas já o são; dou-lhes/ o aspecto de porcos.” (GLÜCK, 2022, p. 77). Adaptou-se, neste estudo, a interpretação da licantropia, sob a perspetiva do poema de Louise Glück, ou seja, como uma metamorfose que revela os mais primários instintos que (ainda) persistem nos humanos. É a partir desta perspetiva que a licantropia pode ser entendida como um conceito intemporal. Desde os primórdios da sua existência, o ser humano, consciente das suas diferenças face às demais espécies, interroga-se sobre os limites, as zonas sombrias e vulnerabilidades que atravessam a sua condição.

À medida que Adriano se aproxima e encanta por Matilde, afasta-se gradualmente da racionalidade e cai “numa contemplação esbugalhada” (CORREIA, 1983, p. 63). Não só os seus olhos como a realidade que observa se transmudam:

Como zombies, os seus olhos seguiam os encantos da lindíssima criatura, transpondo-os para imagens que usara em versos inspirados pela mulher ideal. A bela irrevelada, envolta em brumas. E ei-la, manhã raiada de sol. Para ser Vénus, nem mesmo faltavam as espáduas que emergiam, cintilantes, de um décolleté de chiffon água-marinha. (CORREIA, 1983, p. 63)

Por seu turno, Matilde, mulher bela, segura e sedutora, mãe da adolescente Ritinha, vê no interesse de Adriano uma possibilidade de se sentir mais jovem, ao ser adorada por alguém mais novo: “Porque a idade dos seres que apaixonam é a idade da *paixão* que os diviniza” (CORREIA, 1983, p. 12). Enceta, assim, uma sedução que alimenta o seu narcisismo, por isso, estimula um jogo erótico com Adriano, numa dinâmica que considera excitante, mas inconsequente.

Neste contexto, os périplos pela ilha da Madeira, na companhia de Miss Hurst, incitam o jovem a sentir-se incendiado pela própria Circe, cujo hálito aquece, sem dúvida, o local. A presença de Matilde que, qual Circe, emana poderes encantatórios; seduz, entorpece os sentidos do jovem; intimida-o, mas ao mesmo tempo arrebatava-o, como ilustra o relato da visita conjunta pela ilha. Com efeito, nesse dia ocorre o primeiro contacto físico entre os amantes, ainda que não intencional: os dois viajam no banco de trás de um carro:

Subindo dos jardins tropicais do Funchal, começaram as curvas e, com elas, os solavancos, que no assento de trás provocavam choques deliciosos em que Adriano gozava até ao arrepio o contacto morno e fragrante do corpo de Matilde. (CORREIA, 1983, p. 93)

A descrição do sinuoso percurso em direção aos jardins tropicais do Funchal e do cenário exótico prepara o leitor para uma experiência sensorial. As “curvas” e os “solavancos” da estrada propiciam o desejo e a excitação sexual, principalmente de Adriano que “gozava até ao arrepio o contacto morno” com o corpo de Matilde. Após esta aproximação, ao observar o ombro nu de Matilde – “num jogo expressamente tantalizante” (Correia, 1983, p. 95) – tem início o processo licantrópico, o qual constitui o *leitmotiv* que revela a faceta mais selvática do jovem. Adriano é, sem dúvida, um lobo amoroso e esfaimado. Ao lhe ser negado o alimento desejado, revela-se violento com um turista britânico e, no dia seguinte, uiva à lua, “num urro prolongado e medonho” (CORREIA, 1983, p. 101) que levou ao pânico generalizado dos hóspedes do hotel e obrigou à intervenção da mãe protetora, Benvinda.

O relato do processo licantrópico do protagonista desencadeia, apesar da estranheza, empatia pela personagem. Presente-se, na novela, a voz de Natália que, no programa “A Imagem das Letras” de 3 de junho de 1983, declara:

Não há experiência mais importante do que a experiência amorosa de um adolescente, ele julga que ninguém sentiu aquilo antes nem vai sentir depois. Ele sente-se um ser único.

A ficção tem como grande responsabilidade o recuperar do homem para os grandes sentimentos. (MARTINS, 2001, p. 546)

A paixão é entendida pela escritora como uma dinâmica fora das leis da sociedade, uma expressão de liberdade. Essa exaltação do amor está condensada no último terceto do soneto que encerra a obra *Sonetos românticos*:

Creio no incrível, nas coisas assombrosas,  
Na ocupação do mundo pelas rosas,  
Creio que o Amor tem asas de ouro. Ámen.  
(CORREIA, 2010, p. 16)

A invocação final – “Ámen” – reforça a sacralização do amor, sugerindo uma fé poética que se impõe aos dogmas religiosos. Natália Correia consagra o amor como forma de afirmação da liberdade individual.

### **Licantropia como crítica social em “As Nações Unidas”**

O fenómeno licantrópico nem sempre é descrito com a mesma cumplicidade e ternura na antologia. No conto “As Nações Unidas”, contrariamente em “A ilha de Circe”, a sensação é de horror perante o que sucede à inofensiva e idosa Miss Temple. Esta professora de inglês leciona para adultos de várias nacionalidades, reunindo em sua casa uma pequena Babel, um “sovaquinho do mundo.” (CORREIA, 1983, p. 42). É no contexto de um exercício de argumentação oral que os alunos pretendem, a todo o custo, ganhar e afirmar a superioridade da sua nação. Quando a competência argumentativa se esgota, exibem os genitais, num desfile muito semelhante à parada nupcial levada a cabo pelos machos de algumas espécies animais. Pouco depois, ocorre a repugnante violação coletiva: “Mas os acontecimentos já tinham tomado o rumo fatal de que Miss Temple viria a sofrer o martírio e a fruir a glória de ser a eleita do cio hegemónico das nações.” (CORREIA, 1983, p. 49).

Este é o conto da coletânea *A ilha de Circe* em que está mais visível a vertente crítica político-social que é associada a Natália Correia. O prólogo do livro expressa de forma pungente essa peculiar intenção interventiva:

Foi-me preciso descobrir que: as nações içam as bandeiras para porem o falo a pino e masturbarem-se [...] para concluir que: chegou a hora romântica dos deuses nos pedirem a desobediência. (CORREIA, 1983, p. 10 - 11)

Natália Correia problematiza as pérfidas motivações da alma humana e denuncia o nacionalismo motivado por excitações falobélicas. Critica ainda a resolução de conflitos através do recurso a instintos territoriais, desumanos, selvagens e cruéis. O içar da bandeira transforma-se num gesto de dominação e egotismo.

## “A ilha de Circe” e a inversão dos papéis sociais

Antes de contrapor o papel assumido pelas personagens femininas em destaque nesta coletânea e de analisar como a teia das relações estabelecidas mimetizam o Portugal dos anos quarenta e de anos subsequentes, é essencial esclarecer a forma como a autora encara os movimentos feministas.

De personalidade complexa, livre e destemida, Correia não seguia tendências nem se integrava em grupos acríticos. Receava que o feminismo anglo-americano obrigasse a mulher a perder sua feminilidade e a comportar-se como um homem para ser aceita numa sociedade ainda com regras patriarcais. A sua intenção consistia numa nova construção social que integrasse as especificidades dos géneros. Só assim se alcançaria o equilíbrio necessário entre o masculino e o feminino e a harmonia social.

A problemática do papel da mulher na sociedade ocupava, todavia, grande parte da sua atividade política, cultural e social, como se comprova nos seguintes exemplos: a escritora foi processada devido à responsabilidade editorial das *Novas Cartas Portuguesas* (1972) da autoria das três Marias, Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta; defendeu a legalização da interrupção voluntária da gravidez (1982); apoiou a candidatura de Maria de Lurdes Pintassilgo à Presidência da República (1986) e criou o programa de televisão *Mátria* (1986), onde divulgou às sextas-feiras, de 1986 a 1988, o perfil de notáveis portuguesas.

As ideias que defendeu e preconizou são problematizadas nas suas obras através das personagens femininas e da teia de relações que as mesmas estabelecem no universo diegético. Em “A ilha de Circe”, as relações são diversificadas como patenteia o casal Negrão. Benvinda segue o estereótipo da esposa dedicada, sujeita a um jogo de subserviência e manipulação. Negrão não impõe rudemente as suas aspirações, mas induz a esposa e convence-a de que a sua vontade coincide com a do cônjuge: num “entusiasmo tragicómico”, Benvinda “fazia seus, os desejos de Negrão.” (CORREIA, 1983, p. 56). Por esse motivo, Benvinda engole a decepção de não ir de férias para Maiorca e compra um álbum florístico da ilha da Madeira. Protetora do filho, admira-lhe a sensibilidade literária e a delicadeza de modos. Negrão é o chefe de família e colhe os direitos desse estatuto. Tem o poder decisório sobre as deliberações familiares e arroga-se ao uso da violência verbal – desvaloriza Benvinda através do recurso à animalização “a vaca da mulher a mugir...” (CORREIA, 1983, p. 107) “galinha depenada” (CORREIA, 1983, p. 108) – e da violência física. É o que pretende fazer quando Adriano é acometido pela sua primeira manifestação lupina e uiva no hotel:

[...] o pai que, furiosamente, o sacudia pelo braço. Benvinda precipitou-se, a fim de proteger o filho com o seu corpo avantajado. Crucificada nesta unção maternal abriu os braços em jeito de dizer a Negrão que só por cima do seu cadáver. (CORREIA, 1983, p. 106)

Negrão, parece fazer jus ao seu nome, assumindo a sua virilidade, a sua presença tempestuosa e homofóbica e a sua supremacia, quando se dirige ao filho com epítetos, tais como “maricas”, “tarado”, “estupor de fedelho”, “lesma amaricada”, “bola histérica dos maricas”, presenteia-o ainda com o seguinte comentário: “Este micróbio não dá por nada. Berra e nem dá por isso. Só dá pelos deuses. Como se eles reparassem nesta sucata humana que um ventre desnaturado gerou.” (CORREIA, 1983, p. 107). Através de injúrias e apreciações indecorosas que, por serem inusitadas, podem suscitar alguma comicidade,

Negrão representa o machismo que persiste durante o Estado Novo e as décadas seguintes. Humilha o próprio filho e a progenitora que o concebeu, colocando-se como uma entidade superior na teia familiar, distanciando-se da “degenerescência do seu sangue” (CORREIA, 1983, p. 113). Cabe-lhe ainda o privilégio da infidelidade, aludida no pensamento que detém acerca de Matilde: “D. Matilde (fêmea de estalo, se estivesse só, lhe diria).” (CORREIA, 1983, p. 91).

Também Benvinda serve os interesses do marido. Por isso, apesar da sua existência amargurada, a sua presença é bem-vinda; reage com choro e obediência face aos insultos de Negrão, num sinal de acate e devoção. Representa a mulher submissa que pugna pela estabilidade familiar, atuando como mediadora de conflitos entre o caráter hostil e impetuoso do marido e a sensibilidade do filho. Adriano suscita a ira, o escárnio e o desprezo do seu progenitor, por se encontrar nos seus antípodas. Com efeito, é um jovem de outra geração: não receia assumir a sua delicadeza nem o facto de ser sensível às artes. É idealista e impõe uma imagem estereotipada e quase sagrada ao seu destinatário amoroso – Matilde. Esta aparece-lhe como sublime e perfeita, uma deusa; Matilde, porém, causa-lhe indignação, ao assumir-se como mulher independente e com autonomia para ter uma relação extraconjugal, sem ter de se justificar. Nesta ocasião, Adriano estabelece um vínculo de continuidade sexista com o pai:

Era uma... Hesitou em formular a palavra indecorosa. Mas ela soltou-se e saiu-lhe pela boca num brado em que se lhe desgarrava da alma o culto da mulher sagradamente intangível.  
- Uma puta! [...]  
Era uma mulher fácil. (CORREIA, 1983, p. 121-122)

Matilde, mãe da adolescente Ritinha, é uma sedutora ciente do seu magnetismo erótico. Usa-o para seu prazer pessoal, em jogos excitantes, sem estar demasiado condicionada pelas convenções sociais. Viaja sem o marido e entrega-se à tarefa de procurar casa na companhia de Matos, um amigo que também seduz. No entanto, o desafio da atração é inconsequente e não pretende envolver-se com qualquer homem. A sua natureza é bem descrita pela narradora:

O erotismo de Matilde condensava-se no prazer de ser desejada. O acto de posse era-lhe tão aborrecível quanto o é para todas as mulheres infatigavelmente coquetes. Esta frigidez, que nos homens gera o donjuanismo e nas mulheres um desenfreado uso das suas seduções, transpunha Matilde para um eufemismo que satisfaz a sua moralidade: era uma mulher honesta. (CORREIA, 1983, p. 123)

Matilde irrompe como a *femme fatale*, ciente do seu poder sensual, do seu corpo e da sua vontade, emana uma aura sedutora sobre os homens com quem se cruza: homens casados como é o exemplo do rígido Negrão; homens que a acompanham no seu périplo pela ilha, como é o caso de Matos, o seu incansável companheiro de viagem e, de modo mais explícito e contundente, sobre o jovem Adriano. No entanto, também não passa despercebida aos olhares femininos. Matilde “atraía todos os olhares, desde o sem-cerimonioso lume do olho latino, à descoberta pupila inglesa, que sornamente, se enviesava no rasto do seu esplendor.” (CORREIA, 1983, p. 61). Matilde evoca a mulher sedutora do cinema mudo, idolatrada e concomitantemente temida e desejada (Imagem 1).

**Imagem 1:** Fotograma do filme *Camille*<sup>1</sup>.



Fonte: Niblo (2024).

E não evoca também a pose sedutora e a deslumbrante presença de Natália Correia (Imagem 2)?

**Imagem 2:** Fotografia – *Uma noite de tertúlia*, integrada na exposição intitulada “Natália Correia, Mulher Atlante”<sup>2</sup>.



Fonte: Agência Lusa (2024).

---

<sup>1</sup> O filme foi realizado por Fred Niblo, em 1926, baseado no romance *La dame aux Camélias*, de Alexandre Dumas.

<sup>2</sup> A exposição esteve patente, em 2023, na Casa de Portugal – André de Gouveia, Cité Internationale Universitaire de Paris.

## A sedução como rebeldia social

A sedução é para Matilde uma forma de valorização e empoderamento; não anseia a posse, mas o prazeroso galanteio, pois, “não fugia à regra das sedutoras da sua idade que, no âmago de uma ardilosa displicência, são uma caixa registadora das admirações que provocam” (CORREIA, 1983, p. 83). Esta era a sua forma natural de vida e, quanto a ela, honesta, como a sua natureza, pois o facto de não concretizar as atrações resulta do seu código moral pessoal e não das convenções sociais. Matilde surge como um anti-modelo da conduta desejável para os padrões da época, parecendo preconizar o pensamento de Correia que, em *Breve história da mulher*, afirma: “Monogamia feminina, sociedade privada e escravatura são sinónimos que correspondem ao advento do patriarcado.” (CORREIA, 2003, p. 33). A expressão deste pensamento inusitado e insurreto, no tempo em que foi expresso, assinala de forma liminar a rejeição de um modelo e de uma ordem social instituída, na qual o homem assume a liderança política, a autoridade moral sobre a mulher e os filhos e detém privilégios sociais e o controlo da propriedade. Esta reflexão de Correia é merecedora de destaque, pois ao aludir à monogamia feminina pressupõe um retumbante abalar da ordem, das convenções e de valores vigentes. Reclama para a Mulher uma libertação ímpar – a possibilidade de se entregar, de se partilhar, de se dar numa esfera não somente exclusiva, mas antes plural.

Natália Correia libertou-se aos 22 anos de um casamento que lhe era intolerável e, para dissolver o matrimónio, atestou em tribunal a sua infidelidade. Esta atitude revela, além de irreverência, a subversão de papéis sociais, como a própria assinala:

A fábula é outra agora:  
A menina já não chora  
No meio da escuridão.  
Quem tem medo é o papão.  
(CORREIA, 2013, p. 35)

No entanto, as tentativas malogradas, não impediram a autora de voltar a casar e de cumprir essa vontade de casar as vezes que quis. A capacidade criativa, o espírito crítico, a visão revolucionária de Natália parece ter correspondência em *Le rire de la Meduse* de Hélène Cixous (2010) que defende que a mulher se deve assumir como veículo transmissor da sua própria voz, sendo o sujeito dos seus enunciados. Considera que a mulher deve fazer com que o corpo seja escutado, de forma a rebater o discurso do poder, isto é, o discurso masculino imposto durante séculos. Na sua ótica, a escrita e o corpo assumem funções equiparáveis, sobretudo quando se faz referência a um corpo e a uma escrita femininos. Na verdade, Natália Correia afirmou-se, deu corpo e voz às personagens femininas e, conseqüentemente, às mulheres. Este empoderamento já havia sido anunciado inclusive com maior proeminência na personagem Branca do romance *A Madona* (CORREIA, 1968).

Na senda das personagens femininas de Natália Correia, Matilde possui um poder encantatório e magnético que parece ter correspondência na criação “Circe” de Wright Barker (1889). Observemos a Imagem 3, a seguir:

**Imagem 3:** “Circe”, de Wright Barker – Cartwright Hall Art Gallery.



**Fonte:** Barker (2024).

A figura de Circe representada por Wright Barker exibe a sua sensualidade e magnificência; por sua vez, Matilde, ainda que num outro registo, surge numa pose sensual, emanando, tal como Circe, uma presença inebriante e arrebatadora. Ambas partilham sensualidade, assemelhando-se a “uma serpente de fogo” (CORREIA, 1983, p. 123) e “os seus seios nevados, quase saltavam da abertura ampla do decote”. Na ilha da Madeira, a ilha de sortilégios, Matilde é a “credora da inefável atenção” (CORREIA, 1983, p. 113) do jovem Adriano que idolatra a sua deusa (CORREIA, 1983, p. 112).

A elegante figura, as suas formas impõem-se na mente de Adriano e trespassam para o corpo do texto: a sua “boca polpuda e húmida” (CORREIA, 1983, p. 122); “os seus seios duros” (CORREIA, 1983, p. 122) e “nevados” (CORREIA, 1983, p. 123) e a carne tentadora. O sentimento que nutre pela sua “Circe” eleva-a à condição dos deuses (CORREIA, 1983, p. 110), contudo, o desejo de Adriano é controlado pelo erotismo de Matilde que se concretizava apenas no “prazer de ser desejada.” (CORREIA, 1983, p. 123). Se as feras indomáveis, vítimas de licantropia, se submetem languidamente a Circe, também Adriano, e em certa medida Matos, se rendem aos seus encantos:

Como não havia Matilde entronizada por uma dupla adoração, de reinar sobre a situação difícil que lhe criava a simultaneidade de dois cortejadores [...]. Eficientemente desdobrada em feiticeira dos seus dois apaixonados, a ambos, em olhares e meigura de voz, distribuía equitativamente uma dose de embriaguez. (CORREIA, 1983, p. 94)

A beleza associada à elegância e ao *glamour* de Matilde desencadeiam o magnetismo que exerce sobre os seus dois pretendentes, Adriano e Matos. A expressão “não havia [sido] Matilde entronizada

por uma dupla adoração” assinala a veneração sentida pelos dois cortejadores, que a elevam a um plano superior. Matilde distribui a sua atenção e afeto de forma equitativa – emprega o seu olhar sedutor, a voz dócil e deixa-os embriagados com a sua presença. Esta personagem feminina irrompe como a “feiticeira dos dois apaixonados”, mantendo-os enleados sob os seus encantos, mesmo quando eles competem pela sua atenção.

## Considerações finais

Este estudo, tendo como base a análise da novela “A ilha de Circe”, procurou refletir sobre as marcas de insularidade nela presentes assim como analisar as teias de relações que se estabelecem e que contrapõem as personagens – a poderosa e sedutora Matilde que contrasta com a submissa Benvenida face ao seu marido Negrão – e a forma como traduzem as relações de poder e as normas sociais da época. Permitiu ainda perceber, através de Matilde metaforizada em Circe, que a protagonista, além de sedutora, é sobretudo a portadora de um novo posicionamento feminino. É evidente a visão da autora em relação ao feminismo e à necessidade de uma nova ordem social que respeitasse as diferenças de género. Também o diálogo intertextual com outros textos de Correia contribuiu para perceber a recorrência de alguns temas e como estes extravasam do campo ficcional e reportam para questões sociais e políticas.

Apesar do final trágico da novela, o carácter sedutor de Matilde é compreendido pelo leitor: ninguém deve ser penalizado por ser deslumbrante. Em uma entrevista, ao suplemento “Domingo”, do jornal *Diário de Notícias* (1983), Natália Correia expressa o ideal que aspira ser partilhado pela humanidade:

Acho que a missão da mulher é assombrar, espantar. Se a mulher não espanta... De resto, não é só a mulher, todos os seres humanos têm que deslumbrar os seus semelhantes para serem um acontecimento. Temos de ser um acontecimento uns para os outros. (CORREIA, 1983)

Matilde preconizou a missão da mulher nataliana que, qual Circe, assombra, espanta e deslumbra e, além destas características, partilha com a feiticeira a capacidade de metamorfosear Adriano em lobo. É, assim, agente de uma gnose transformadora que devolve ao sujeito, neste caso a Adriano, a sua dimensão instintiva, animal, indo ao encontro da concepção de Circe no já mencionado poema de Louise Glück.

A escolha do cenário insular, longe de ser arbitrária, vai ao encontro da vocação transformadora de Circe, tornando-se, assim, o espaço simbólico onde se subverte a ordem social estabelecida, se desafia o poder patriarcal e liberta o elemento feminino, abrindo o caminho para novas possibilidades. Neste contexto, a ilha configura-se como um espaço mitopoético onde se dá a transformação e a resistência, no qual os papéis de género se reformulam, através de Matilde. Constitui um palco revelador de mudança e reconfiguração, onde se ensaia uma nova ordem rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1980) (cf. *Mille Plateaux*) – descentralizada, plural, não hierárquica – em contraste com o modelo patriarcal existente, o que está em sintonia com a concepção emancipatória de Natália Correia.

## Referências

- AGÊNCIA LUSA. Exposição com obras de 30 artistas plásticos homenageia Natália Correia em Paris. *O Observador*, Lisboa, 2024. Disponível em: <https://observador.pt/2023/08/28/exposicao-com-obras-de-30-artistas-plasticos-homenageia-natalia-correia-em-paris/>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *Açores, Açorianos, Açorianidade: um espaço cultural*. 2. ed. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2011.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Washington DC. *DSM-IV-TR*. 4<sup>th</sup> ed. Washington: American Psychiatric Publishing, 2000.
- BARKER, Wright. *Circe (1889)*. Disponível em: <https://artuk.org/discover/artworks/circe-23017>. Acesso em: 11 maio 2024.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Teorema, 2010.
- CIXOUS, Hélène. *Le rire de la Meduse*. Paris: Galilée, 2010.
- CORREIA, Natália. *A ilha de Circe*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- CORREIA, Natália. *Sonetos românticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010.
- CORREIA, Natália. *A Madona*. Lisboa: Editorial Notícias, 1968.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux: capitalismo et schizophrénie 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mítico e religioso*. Tradução de Maria Lúcia Lepecki. Lisboa: Edições 70, 2002.
- GLÜCK, Louise. *Meadowlands*. Lisboa: Relógio d'Água, 2022.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2018.
- JUNG, Carl. *Os Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- MARTINS, Filipa. *O dever de deslumbrar*. Lisboa: Contraponto, 2023.
- MONTEIRO, Luís de Sttau. "O Amor": série Pontos de vista, personalidade convidada: Natália Correia. 31 mar. 1984. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-amor-2/>. Acesso em: 3 maio 2024.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Corsário das ilhas*. Lisboa: Bertrand, 1983.
- NEMÉSIO, Vitorino. *Poesia*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989 (Obras Completas, v. 2).
- NIBLO, Fred. A dama das camélias (1921). *Fotograma*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0012027/mediaviewer/rm1727569665/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Recebido em 19 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de maio de 2025.

## **Resumo/Abstract**

### **“A ilha de Circe” de Natália Correia: entre ilhas e metamorfoses**

#### **Ana Cabete e Isa Severino**

O estudo tem como objetivo analisar a intrincada rede de temas e simbolismos presentes na coletânea *A ilha de Circe*, nomeadamente as marcas de insularidade as quais aproximam Correia a outros autores (insulares), incidindo mais particularmente na novela homónima. A novela “A ilha de Circe” explora a licantropia, associando-a à figura de Circe, cujo poder transformativo é semelhante ao de Matilde. Interessa perceber como a narrativa reflete a crítica social e política de Correia, aludindo ao conto “Nações Unidas”, onde a violência e a desumanização são exploradas. É também destacado o papel feminino, através da personagem Matilde, que desafia as normas e detém um poder estonteante e potenciador de uma nova dinâmica social.

**Palavras-chave:** Natália Correia, *A ilha de Circe*, insularidade, licantropia, subversão no feminino.

### **“The isle of Circe” by Natália Correia: amidst islands and metamorphoses**

#### **Ana Cabete and Isa Severino**

This study aims to analyze the intricate network of themes and symbolism present in the collection *The Isle of Circe*, and the marks of insularity connecting Correia to other (insular) authors. The homonymous novel also explores lycanthropy, associating it with the figure of Circe, whose transformative power is similar to that of Matilde. It is also of interest to understand how the narrative reflects Correia’s social and political critique, alluding to the short story “United Nations” where violence and dehumanization are explored. The feminine role is also highlighted through the character Matilde, who challenges norms and possesses a staggering power that enhances a new social dynamic.

**Keywords:** Natália Correia, *The isle of Circe*, insularity, lycanthropy, female subversion.